

R. L. Trask

DICIONÁRIO DE  
LINGUAGEM E  
LINGÜÍSTICA

---

*Tradução*  
Rodolfo Ilari

*Revisão Técnica*  
Ingedore Villaça Koch  
Thaís Cristófaró Silva

EDITORA  
CONTEXTO

termos de parentesco (*kinship terms*) – O sistema de termos disponível numa dada língua para denominar as diferentes relações de parentesco. A terminologia de parentesco varia amplamente de uma língua para outra. O português tem apenas *tio*, mas muitas outras línguas têm palavras diferentes para “irmão do pai” e “irmão da mãe”. O português tem *sobrinha* e *sobrinho*, mas algumas outras línguas têm uma única palavra que traduz ambas, e essa mesma palavra às vezes abrange também o português *neto* e *neta*. Em inglês, os homens e as mulheres têm *irmãs*, mas em basco o homem tem uma *arriba*, ao passo que a mulher tem uma *ahzipa*; já, em seneca, uma língua indígena da América do Norte, há palavras diferentes para “irmã mais velha” e “irmã mais nova”.

A margem de variação é enorme, mas os lingüistas antropológicos descobriram que a maioria dos sistemas de parentesco podem ser analisados por meio de combinações bastante regulares de alguns poucos traços semânticos, tais como [macho/fêmea ego], [macho/fêmea referente], [mais velho/mais novo], [geração ascendente/geração descendente]. Sabe-se que alguns sistemas são amplamente difundidos nas línguas do mundo, como é o caso do famoso Sistema do Omaha, encontrado em certas línguas da América do Norte e em outros lugares.

*Leitura suplementar:* W.A. Foley, 1997: cap.6.

texto (*text*) – Uma porção contínua de língua falada ou escrita, especialmente quando tem um começo e um fim reconhecíveis. Os lingüistas usaram por muito tempo a palavra *texto* muito informalmente para denotar qualquer trecho de língua em que, por acaso, estivessem circunstancialmente interessados. Contudo, especialmente a partir da década de 1960, a noção de texto ganhou *status* teórico em vários domínios, e a análise de textos é hoje considerada um dos principais objetivos da investigação lingüística. Porém, a concepção do que constitui um texto não é a mesma em toda parte.

Para alguns lingüistas, não há diferença entre texto e discurso. Para outros, um texto é mais ou menos um produto físico, aquilo que resulta de um discurso, que é, por sua vez, analisado como um processo, que leva à construção de um texto. Para outros ainda, um texto se define em primeiro lugar pelo fato de ter um propósito identificável – uma abordagem que leva imediatamente a classificar os textos num certo número de tipos, caracterizados por propósitos diferentes que, por conseguinte, também têm características diferentes. Outros ainda vêem o texto como uma abstração, cuja realização física seria o discurso. Por fim, há lingüistas que simplesmente consideram que os textos são escritos, ao passo que os discursos são falados.

A análise de textos é um traço saliente de alguns tipos de funcionalismo, notadamente a Lingüística Sistemática, em que a análise dos textos é freqüentemente apontada como o principal objetivo da investigação lingüística, enquanto a análise de unidades menores, como as sentenças, é interpretada em grande medida em ter-

mos da contribuição que essas unidades menores fazem aos textos. De maneira independente, a orientação do ensino do inglês conhecida como *language in use* centra suas atenções na análise dos textos, particularmente aqueles textos que são conhecidos dos estudantes e são significativos para eles. Na Europa continental, uma abordagem específica, chamada *lingüística textual*, ganhou ênfase nas últimas décadas; ela dá um destaque especial à *textualidade*, isto é, às características que definem diferentes tipos de textos.

Fortemente ligados à *Lingüística Sistêmica*, mas também importantes em outras orientações, são os dois conceitos de *coerência* e de *coesão*. Recentemente, algumas orientações lingüísticas incorporaram o conceito de *intertextualidade*, que, na origem, é um conceito literário.

Cabe notar que, em contextos de ensino, o estudo dos textos adquiriu um valor político. Alguns professores universitários e do ensino médio opõem-se a que os estudos lingüísticos, especialmente do inglês, se concentrem no cânone tradicional das grandes obras literárias e defendem que interessa mais ocupar os alunos no exame da maior variedade de textos possível, desde a poesia oral da Índia até os comerciais de televisão, que teriam que ser tratados em pé de igualdade com os trabalhos de Shakespeare. Nem todos concordam com isso.

*Ver:* coerência; coesão; intertextualidade; *Lingüística Sistêmica*; *lingüística textual*; *textualidade*

*Leituras suplementares:* Crystal, 1997a: cap.20; Gramley e Pätzhold, 1992: cap.5; Schiffrin, 1994: cap.10; van Peer, 1994.

**textualidade** (*textuality*) – A característica de um texto que torna claro que tipo de texto se pretende que ele seja. Uma notícia de jornal não se parece com uma monografia universitária, e um poema é bastante diferente de um comercial de televisão. Cada tipo particular de texto tem suas características textuais próprias; quando nos defrontamos com um texto, esperamos encontrar as características apropriadas, e a identificação dessas características nos permite reconhecer rapidamente de que tipo é o texto para o qual estamos olhando.

As propriedades que permitem identificar cada tipo de texto constituem sua *textualidade* ou *textura*. Um dos principais objetivos da *lingüística textual* é identificar, tão explicitamente quanto possível, os traços que distinguem cada tipo de texto.

*Ver:* gênero; intertextualidade

**tipo de fonação** (*phonation type*) – Qualquer uma das várias maneiras como as cordas vocais atuam durante a produção da fala. As cordas ou pregas vocais são

duas massas móveis de tecido na laringe entre as quais o ar que vem dos pulmões precisa passar durante a fonação. As cordas vocais podem funcionar de várias maneiras diferentes, e suas partes podem realizar diversas ações. No caso mais conhecido, elas podem ficar suficientemente próximas para vibrar em toda sua extensão, produzindo o *vozeamento*, ou podem ficar bastante afastadas, o que impede a vibração e produz a *falta de vozeamento*, ou, mais precisamente, a *respiração*. Podem também ser comprimidas uma contra a outra, bloqueando por completo a passagem de ar e produzindo um tipo diferente de falta de vozeamento.

Também podemos fechar as cordas vocais deixando uma abertura no fundo, pela qual o ar flui ruidosamente: é o *cochicho* (*whisper*); ou podemos fechá-las deixando, porém, uma abertura na frente que vibra muito lentamente: é a *estridência* (*creak*); ou podemos esticá-las com força em toda a sua extensão, de modo que vibrem muito rapidamente; é o *falsete* (*falsetto*). São possíveis várias combinações de tudo isso, tais como o *vozeamento cochichado* (*whispery voice*), o *vozeamento estridente* (*creaky voice*), o *falsete cochichado* (*whispery falsetto*) e o *vozeamento estridente cochichado* (*whispery creaky voice* ou *whisky voice*).

Nem todas essas possibilidades são usadas para fins lingüísticos, mas algumas o são. O inglês contrasta apenas o vozeamento com a falta de vozeamento, mas muitas outras línguas têm uma terceira possibilidade, no mais das vezes o vozeamento estridente ou o vozeamento cochichado.

Ver: mecanismo aerodinâmico da fala, vozeamento.

Leituras suplementares: Ladefoged, 1993: cap. 6, 1971: cap.2; Ladefoged e Maddieson, 1996: 47-77.

**tipologia** (*typology*) – A classificação das línguas de acordo com suas características estruturais. Um modo de classificar as línguas é por suas relações genéticas; isto é, de acordo com sua origem histórica. Mas também podemos classificar as línguas de acordo com os tipos de estruturas que apresentam. Esta última classificação é *tipológica*, e uma classificação tipológica, em princípio, é inteiramente independente da história das línguas em questão – muito embora, naturalmente, as línguas com parentesco muito próximo também sejam bastante parecidas em termos tipológicos.

Em princípio, poderíamos escolher qualquer traço estrutural e usá-lo como base para uma classificação. Por exemplo, poderíamos separar num grupo as línguas em que a palavra que significa os animais caninos é [dɔg] e, num outro grupo, todas as outras – o primeiro grupo, neste caso, conteria exatamente duas línguas conhecidas: o inglês e o mbaraban, uma língua da Austrália. Mas essa classificação não teria interesse, porque não levaria a lugar nenhum.